

DIÁLOGOS NA BREVIDADE

Nadja Rodrigues de Oliveira

A cachoeira corre ininterrupta. Suas águas passam nos banhando de despedidas e desaguando em contínuas chegadas. Freud me visita num sussurro inaudível, com palavras ainda úmidas de terem me mergulhado: “a beleza da natureza sempre volta depois que é destruída (...), e esse retorno bem pode ser considerado eterno, em relação ao nosso tempo de vida”.

De olhos fechados, escuto a insistência da vida em brotar. A força das águas pulsa, criando desvios sutis, perfurando pedras e hidratando sementes. Ao escorrer pelo leito, suas ondulações ora se deitam e ora excedem as margens. Nas terras do meu pensamento, germinam perguntas: Qual será a medida do exceder que abre a costura do rio para lhe bordar novos braços? E qual será a desmedida que o desalinha, fazendo do excesso enxurrada? Em retornos eternos da vida, quando as águas esculpem lugares e tempos musicados, e eternos retornos das quedas, nas quais a mesma água guarda a potência do afogar, passeio por pororocas entre o riacho e o meu mar.

Embalada pelo ritmo das águas, sinto o tempo pousar na minha brevidade. Vozes de poetas que não conseguiram morrer me visitam. Tentam me traduzir na experiência de vertigem entre a alegria e a tristeza de ser instante. Cecília Meireles segura minhas mãos e, fitando a folha trêmula do meu olhar, me diz que seremos “como a vela de um barco pequeno equilibrado sobre muitas oscila-

ções”. E de barco assim velado, sigo navegando meu canto.

Os raios do sol penetram a mata como que pedindo licença, pisando suaves sobre as nossas peles. O vento também passa delicado, temperando o calor. Por um segundo, toda a natureza parece repousar naquele aconchego morno e úmido, quase uterino. O instante é breve e vasto. Ele guarda profundezas. Envolta em sensações sem nome e de um tempo sem número, vou sendo ninada por uma música em algum lugar guardada:

“O ponteiro dos segundos
É o exterior de um coração.
Conta a minutos os mundos,
Que os mundos são sensação”





– Pessoa? – indago-me.

– O da sua pessoa! – ele responde brincalhão.

Rimos cúmplices, embebidos na graça.

Pela janela aberta do olhar, vejo minha pequena companheira de hidratações. Ela me indaga com olhos curiosos, esticados para além das órbitas do corpo:

– Do que você está risando?

Sua pergunta me é lançada com um sorriso, segurando as mãozinhas em concha.

– Estou risando de umas conversas dentro da minha cabeça, que o dia bonito fez acordar. E você, o que está segurando? – E curio suas mãos com meus olhos.

– Estou segurando o rio. Mas ele adora escapar!

Num breve mergulho de sua embarcação, a menina carrega água por alguns instantes, logo a mostrando escorrer por entre as fendas de seus dedos. Detém-se no fio úmido sobre

sua pele e franze a testa, pensativa. Parece descobrir que há rios que correm para além da potência das mãos, ainda que sejam tateáveis.

– Sabia que eu também converso na minha cabeça? – ela me diz.

– É mesmo? O que você conversa nela?

– Não sei. Sabia que o meu papai também brincava na cachoeira, quando era neném? Eu morava em outro país, aí num lembro. Eu só vim pra cá depois. É por isso que eu tenho muitas línguas! – Seu olhar cerra em gravidade, me confiando coisa séria.

– Nossa! Tem muitas histórias, pessoas, línguas e tempos aí dentro. Deve dar uma conversa cabeça!

– É! É que eu lembro de tudo, até quando eu esqueço... – E a menina se volta para as águas, abrindo as mãozinhas sobre as ondas e mergulhando naquilo que lhe ocupa ao escapular entre os dedos.

Quantas temporalidades compõem o nosso tempo, nesse bloco mágico que lembra por meio do esquecimento? “A natureza única do que aparece é passar”, ecoa inscrites de Cecília Meireles em mim. Com sorte, o que passa pode vir a ser passo, pássaro, passagem, passado... A vida é composta a partir do que cai. Peito e terra se expandem a cada outono.

Mas há cair de águas que resfriam a nuca. Lá onde o passar ressentido despedidas e ameaça quedas no esquecimento. Um poço de “revolta psíquica contra o luto”, volta Freud a me sussurrar. Cantos escuros onde não se confia na presença invisível. Onde o perder de vista evoca perdas, não tendo guardado suficientemente olhares vivos.

Quintana e Winnicott puxam cadeiras à mesa para o diálogo. Na verdade, ambos se sentam ao chão, mais próximos dos fundamentos. “O que mata um jardim / Não é mesmo alguma ausência / nem o abandono... / O que mata um jardim / É esse olhar vazio / de quem por eles passa indiferente”, Quintana abre a boca do solo para falar. Winnicott acena afirmativamente com a cabeça branca e complementa: “Quando olho, sou visto; logo, existo”. Quintana já ia se dando por satisfeito quando Winnicott levanta o dedo em interjeição: “O sentimento de que a mãe existe [na ausência da mãe] dura x minutos. Se a mãe ficar distante mais do que x minutos, então a imago se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união”.

Os poetas que rondam o papo torcem o nariz com a quebra da estilística, mas Pontalis se levanta suavemente e, fazendo chegada à francesa, sonha o argumento: “Primeiro, ser-nos-ia preciso ver. (...) Por que é que sonhamos, a não ser a cada noite, para ver o desaparecido (mundos, lugares, pessoas, rostos), confirmar sua permanência e tentar unir o efêmero ao eterno?”.

Uma rajada de vento me sopra para fora, dissipando as nuvens que eu contemplava no céu dos meus mundos. A menina se levanta como o vendaval e segura com os olhos uma folha dançante entre duas pedras. Há uma qualidade intensa repousada em todo o seu ser, aguardando para ver o que ela vai acontecer. Com o braço esticado em vara, pesca a folha que trepida no ar. Um sorriso crescente como a lua lhe percorre o rosto, mas a ventania ganhou novo fôlego e sopra com ímpeto, partindo ao meio folha e riso.

Fitando onde algo foi perdido, ela se ocupa do que lhe permanece. A menina está imersa na fração do segundo, no piscar entre o que era e o que é. Após um tempo imensurável, ela volta a se sentar, mantendo a vista abraçada no que se foi. Sutilmente, desprende os olhos e os passeia pelo vendaval, soprando ela mesma, em doce pesar:

– Na página do vento, a folha quebrou...

Me prolongo na imensidão das suas palavras. A menina bem tem muitas línguas. No eco de tamanha beleza singela, poetas e psicanalistas sorriem em mim. “*A thing of beauty is a joy for ever*”, um deles suspira em síntese. Na transitoriedade que somos, a vida emocional guarda eternidades.



Nadja Rodrigues de Oliveira é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.